

CORPO LÍQUIDO: REFLEXÕES ACERCA DA FRAGILIDADE DO CORPO PÓS-MODERNO

Larissa Cachel¹
Nathaly Yumi da Silva²

RESUMO: Sem dúvidas as tecnologias e sua constante progressão e desenvolvimento abriram o mundo para uma globalização em uma via de mão dupla: saudável, de fácil acesso ao conhecimento e a outras culturas, esses são pontos positivos que se opõem ao constante retrocesso quando falamos sobre as relações humanas. Em um emaranhado de informações, sem referências sólidas, estamos em um tempo líquido, com relações líquidas, passando por medos líquidos, como já dizia o sociólogo Zygmunt Bauman. Líquidos são caracterizados pela sua incapacidade de manter as formas. Observa-se laços humanos perdendo sua relação e tornando-se redes, onde o mais atrativo é a possibilidade de desconectar sem danos traumáticos. Sendo assim como um corpo se adapta às mudanças repentinas? Como se adere aos laços criados tão superficialmente? As relações tecnológicas permitem o corpo se transformar ou se anular? Essas são as questões norteadoras deste estudo, que visa compreender a adaptabilidade corporal dentro de uma comunidade líquida.

PALAVRAS-CHAVE: Liqueidez. Zygmunt Bauman. Relações humanas. Corpo. Corpo líquido.

CUERPO LÍQUIDO: REFLEXIONES ACERCA DE LA FRAGILIDAD DEL CUERPO POSMODERNO

RESUMEN: Sin dudas las tecnologías, su constante progresión y desarrollo han abierto al mundo para una globalización a través de una vía de ida y vuelta: saludable, por el de fácil acceso al conocimiento y a otras culturas, nocivo, por el constante retroceso sobre las relaciones humanas. Atravesados por un enmarañado de información, sin referencias sólidas, transitamos un tiempo líquido, con relaciones líquidas y miedos también líquidos; como dijo el sociólogo Zygmunt Bauman. Los líquidos se caracterizan por su incapacidad para mantener las formas. Nuestra época se caracteriza por lazos humanos que han perdido su relación y están transformándose en redes donde, lo más atractivo es la posibilidad de desconectarse sin daños traumáticos. Siendo así; ¿Cómo se adapta un cuerpo a los cambios repentinos? ¿Cómo se adhiere a lazos tan superficiales? ¿Las relaciones tecnológicas, permiten el cuerpo transformarse o lo anulan? Esas son las cuestiones orientadoras de este estudio, que pretende comprender la adaptabilidad corporal dentro de una comunidad líquida.

PALABRAS-CLAVE: La liqueidez. Zygmunt Bauman. Relaciones humanas. Cuerpo. Cuerpo líquido.

223

1 Aluna do curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança do *Campus* de Curitiba II da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Técnica em Dança formada pela Escola de Dança do Teatro Guaíra. Email: larissa_cachel@yahoo.com.br

2 Aluna do curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança do *Campus* de Curitiba II da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Massoterapeuta formada pela Instituição de ensino profissionalizante SEDUC INTEC. Email: lee.nys@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Presenciamos a fragmentação da vida humana, com seus episódios de existência onde cada pessoa cria e redefine constantemente sua própria identidade, assim multiplicando as conexões, as interdependências e as comunicações. A mudança de uma sociedade produtora, com foco em poupar, abster-se dos prazeres imediatos e consumir artigos duradouros para uma sociedade consumidora, voltada ao imediatismo, ao desapego e a busca constante pela felicidade, carrega consigo uma transformação do sujeito, mais indeciso e inseguro devido às infinitas opções de escolha. O consumo e suas escolhas relacionam-se com todas áreas de sua vida, tendo como exemplos latentes a aquisição de bens de consumo, a seleção de informações e a criação de relações.

O presente artigo se orienta sob o conceito de liquidez defendido por Zygmunt Bauman³. Em seu livro, intitulado “*Amor Líquido*” (2004), expõe a diferença entre comunidade e redes em suas maneiras de gerar os laços humanos: a comunidade preexiste a você, enquanto a rede é gerada e sobrevive apenas pela existência da possibilidade de conectar e desconectar. A preferência pelo *online*, no estabelecimentos desses frágeis laços humanos, apresenta a cômoda situação de não terem o compromisso de criar um vínculo.

Contudo, pertencemos a uma sociedade líquida, e mesmo com a ilusão de estarmos conectados, somos solitários pertencentes a uma multidão em uma busca constante por segurança e liberdade, acabamos por abrir nossa privacidade, nos tornando vulneráveis e submissos aos aparatos tecnológicos e suas redes sociais.

Desde hace poco más de una década, las pantallas móviles y las redes sociales fueron modificando exponencialmente nuestros comportamientos y formas de relacionarnos de maneras inesperadas y contradictorias. En la conformación de un nuevo modelo comunicacional, se generó la fantasía de conectar a más personas. Pero esa “conexión” se afianza a medida que arrastra la naturalización de conductas y gestos que nos desconectan físicamente, nos dividen, separan y alejan. (DOMA, 2018 p.4)⁴

3 Zygmunt Bauman (1925 - 2017) Sociólogo e filósofo polonês dedicou-se a analisar sociologicamente sobretudo, a partir do conceito de modernidade líquida os mais variados temas contemporâneos, tais como política, amor, comunidade, trabalho, consumo, identidade, tempo, entre outros. Recebeu os prêmios Amalfi (1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (1998, pelo conjunto de sua obra).

4 Tradução livre: Por pouco mais de uma década, as telas móveis e redes sociais têm modificado exponencialmente nossos comportamentos e formas de nos relacionar de maneira inesperada e contraditória. Na conformação de um novo modelo de comunicação, foi gerada a fantasia de conectar mais pessoas. Mas essa “conexão” é fortalecida à medida que arrasta a naturalização de comportamentos e gestos que fisicamente nos desconectam, nos dividem, nos separam e nos afastam.

Interessa-nos refletir sobre a liquidez dentro da tecnologia, bem como, propor a afetação do corpo pós-moderno, em sua transformação para corpo líquido, coagido pela necessidade de sobrevivência e adaptação na modernidade líquida.

A LIQUIDEZ NAS RELAÇÕES TECNOLÓGICAS

Compreender o conceito de liquidez, proposto por Bauman, é sobretudo entender que assim como os líquidos, as alterações e complementações compõem uma maneira de sobrevivência e permanência no mundo.

A passagem da fase 'sólida' da modernidade para a 'líquida' - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. (BAUMAN, 2007, p. 7)

Antes mesmo de analisarmos as relações e suas fragilidades - conceito ao qual a liquidez aparece constantemente atrelada - é necessário pensar sobre o avanço tecnológico e sua presença no dia-a-dia da sociedade moderna. Estaríamos nós preparados para tudo o que a tecnologia nos oferta?

Em muitos sentidos, somos nossa maior limitação tecnológica. A lenta e constante marcha da evolução humana entrou em descompasso com o progresso tecnológico: a primeira ocorre em escalas de tempo milenares, enquanto a capacidade de processamento das máquinas dobra a cada dois anos mais ou menos. (SILVER, 2013, p. 299)

A recorrência de discursos positivos sobre as tecnologias e sua abrangente veiculação e aceitação, cegam e calam muitas brechas para pensamentos crítico-sociais:

- A corrida armamentista por quem tem a melhor ou a mais avançada tecnologia parte do princípio qualitativo no sentido de estar em primeiro lugar para ser consumida, ou pelo menos, a mais desejada. Ignora-se constantemente o fato de que a qualidade imbricada no desenvolvimento tecnológico deveria estar ligada a proporcionar uma elevada qualidade de vida.

- As campanhas de marketing são destinadas para quem não pode adquirir o melhor produto imediatamente após seu lançamento; elas têm por função, criar uma dependência compulsória, que fomenta sentimentos como a baixa estima ou mesmo a exclusão, uma vez que o pertencimento a grupos sociais é inerente ao ser humano.

- Nesta corrida de produção e criação de produtos melhores e mais atuais os consumidores deparam-se com a obsolescência programada dos mesmos. Ou seja, o produto já surge tendo um tempo limitado de funcionamento, “forçando” o usuário a renovar constantemente este artigo por um novo modelo, colaborando para um prazer e uma satisfação passageiras, assim os fabricantes garantem “desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço” (BAUMAN, Zygmunt, 2004, p. 22), pois cotidianamente tudo é imediato e deve ser reparado instantaneamente, onde a mercadorias ou os desejos passam a ser considerados lixos assim que surgem no mercado novidades e produtos otimizados. Para Bauman (2004), as escolhas começam com base em uma afinidade, sendo assim a tecnologia deve manter-se compatível diariamente com o consumidor, pois é através dessa renovação cotidiana que eles não são comparados com algo sem valor.

- Omite-se o fato das tecnologias alimentarem um sistema de cidadãos acomodados, que sentem cada vez mais a necessidade de suprirem suas vontades e desejos em um curto tempo; o slogan omissor tem por base a facilidade, vendendo o tempo como se pudesse enlata-lo. A sociedade esquece que o tempo, é administrável, porém é necessário organização, dedicação e compromisso, valores que se transformaram em medos.

- As relações humanas ficam estreitas e sensíveis, pois bonificam-se ações como deixar um “like” na foto de alguém ou mesmo, reduzir uma frase inteira a um simples emoticon. Segundo Bauman (2004): “Nós pertencemos ao fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação). Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa.” (p. 52).

Porém Cupani⁵ em seu artigo “A tecnologia como problema filosófico: três enfoques” (2004), cita que o pesquisador Borgmann⁶, designa a tecnologia como:

Um modo de vida próprio da Modernidade. A tecnologia é o modo tipicamente moderno de o homem lidar com o mundo, um “paradigma” ou “padrão” característico e limitador da existência, intrínseco à vida quotidiana. Tão intrínseco que ele passa, por isso mesmo, despercebido. No entanto, o surgimento e o poder desse padrão constituem para Borgmann “o evento de maiores conseqüências do período moderno. (CUPANI, 2004, p. 499)

Constantemente, atrelada ao cotidiano e a fragilidade, a liquidez vaza entre as redes de conexão que estabelecemos, escorre entre as possibilidades de fixação e comprometimento. Um exemplo latente é a popularização das expressões: conexão; conexões; conectar-se; conectados, saídas do mundo virtual e tão comumente balbuciadas para substituir as palavras: relação; relações; relacionar-se. O peso do relacionamento e do comprometimento tornou-se tão grande no mundo real, que a solução encontrada foi importar do mundo virtual, de maneira utópica, expressões que carregam conotações mais leves, mais modernas, mais líquidas.

A realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento. (...) “Estar conectado” é menos custoso do que “estar engajado” - mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos. (BAUMAN, 2004, p. 83)

227

Restringindo a análise crítica a uma tecnologia que nos permitiu a locomoção alienada, é importante entender que a função do celular passou de funcional a social, pois, ainda que não esteja realizando ou recebendo uma chamada (uma vez que se pensou o celular como um telefone móvel), você tem a possibilidade de focar sua atenção em um aparelho que não te ignora e que o torna parte de uma sociedade de cidadãos conectados. O celular tem a intrigante função ambígua de suprir a solidão e de excluir o indivíduo.

5 Alberto Cupani é Licenciado em Filosofia pela Universidad Nacional de Córdoba, Argentina (1967) Doutor em Filosofia – Universidad Nacional de Córdoba (1974). Pós-doutorado na Universidade de Paris (1995). Atualmente é professor titular em DE da Universidade Federal de Santa Catarina. A sua área de docência (graduação e pós-graduação) e pesquisa é a Filosofia da Ciência, investigando principalmente os seguintes temas: ciência e valores, racionalidade e objetividade da ciência, ciência e controle da Natureza, filosofia da tecnologia, epistemologia das ciências humanas, filosofia da História.

6 Albert Borgmann (1937 -) é filósofo, especializado na filosofia da tecnologia e professor de filosofia na Universidade de Montana, PhD em Filosofia da tecnologia, em 2013, recebeu o Prêmio Golden Eurydice. Sua obra contribui para as discussões filosóficas sobre a tecnologia moderna.

Não importa onde você está, quem são as pessoas à sua volta e o que você está fazendo nesse lugar onde estão essas pessoas. A diferença entre um lugar e outro, entre um e outro grupo de pessoas ao alcance de sua visão e de seu toque, foi suprimida, tornou-se nula e vazia. Você é o único ponto estável num universo de objetos em movimento – e assim o são igualmente (graças a você, graças a você!) suas extensões: suas conexões. Estas permanecerão incólumes apesar de os que estão conectados por elas se moverem. Conexões são rochas em meio a areias movediças. (BAUMAN, 2004, p. 79)

Não muito distante do bergsonismo⁷ - no tocante ao pensamento sobre espaço, uma vez que considera o mesmo como difusão e somos nós que fixamos os lugares - a conectividade móvel transformou a comunicação. Racionalmente, não seria mais necessário entrar em um estado de ansiedade por não saber quando sua mensagem será respondida, porém, a ansiedade está se tornando um transtorno, devido a possibilidade de saber que a pessoa com a qual está se comunicando recebeu, visualizou sua mensagem e ainda não respondeu. Esse processo ansioso é levado e desenvolvido no dia-a-dia. Os espaços que ocupamos e transitamos estão cheios de conexões superficiais e transtornos traumáticos.

Os aparelhos não impediram (...) mas tornaram desnecessário que eles evitassem olhar-se nos olhos: àquela altura, de qualquer forma, os olhos já se teriam tornado paredes em branco - e uma parede em branco não pode sofrer danos por encara uma outra. Com tempo suficiente, os celulares treinaram os olhos a olhar sem ver. (BAUMAN, 2004, p. 81 - 82)

A liquidez dentro da tecnologia tornou-se objeto de preocupação. Estamos lidando com um difícil processo de utopização e fuga da realidade, onde conceitos virtuais tornam-se presentes para que atitudes cada vez menos humanitárias sejam justificadas.

Cupani (2004), coloca que para o teórico Bunge⁸ essa preocupação com a tecnologia é muito plausível, hasta vista que o seu progresso vem gerando alguns danos, mesmo as produções que a princípio observa-se como benéfica possuem um lado maléfico,

7 Doutrina do filósofo francês Henri Louis Bergson (1859-1941) que afirma o privilégio da intuição, em detrimento da inteligência, na percepção do processo criativo que constitui a natureza. Embora fator distintivo da espécie humana e fundamental para o domínio da matéria, a inteligência estaria restrita a uma compreensão estática e mecanicista do real, incapaz de contemplá-lo em sua incessante mobilidade criativa.

8 Mario Augusto Bunge (1919 -) físico, filósofo da ciência, humanista argentino, Doutor em ciências fisicomatemáticas por la Universidad Nacional de la Plata, professor na Universidade McGill no Canadá, defensor do realismo científico, do sistemismo e da filosofia exata. Suas pesquisas revisam o conceito tradicional do método científico usando as ferramentas da lógica formal, e destacam o valor da relação entre teoria e experiência. Autor de 35 livros e mais de 450 artigos sobre tópicos de física teórica, matemática aplicada, teoria de sistemas, sociologia matemática, epistemologia, semântica, ontologia, axiologia, ética, política científica, etc.

pois a mesma depende do ser humano e assim passa a estar sujeita aos seus interesses, sua moral e suas deliberações, desta forma não é possível que esta modernização seja neutra, porém defende que para que ela seja mais isenta possível é necessário que esse desenvolvimento tecnológico realmente seja realizado verdadeiramente para o serviço de todos na comunidade.

Ciro Marcondes⁹ traz em seu livro, “O princípio da razão durante” (2010), uma citação do filósofo Merleau-Ponty¹⁰: “Estamos em pleno conceito de intermundo, em que o sentido não está nas coisas, nos seres, nos cinco sentidos, mas na sua fricção, no seu encontro, no roçar de um no outro(...)” (2010, p. 165).

A tecnologia também uma incumbência de assegurar aos seus usuários um:

Alívio de tarefas penosas, esperança de termos uma relação mais rica com o mundo graças à afluência de dispositivos; ela responde à nossa impaciência com coisas que exigem cuidado e reparação, ao nosso desejo de fornecer a nossos filhos o melhor desenvolvimento, e à vontade de nos afirmarmos na existência adquirindo bens que inspiram respeito. Mas tudo isso vai acompanhado de sentimentos de perda, de pena e uma espécie de traição (a um outro tipo de vida), pois as realizações que representavam libertação “parecem ser contínuas com a procura de frívola comodidade”. Dá-se inclusive uma sensação de impotência, pois tudo ocorre como se os instrumentos tivessem acabado por definir os fins. (CUPANI, 2004, p. 504 - 505.)

Indo ao encontro ao que Bauman (2004) determina como “*relacionamentos de bolso*” (p.10), ou seja, relações que se mantêm disponíveis enquanto parece essencial e que assim que perde sua relevância, ou surgem outros interesses estes convívios são guardados, evitando-se assim compromissos de longo prazo, porém sem o desligamento total afinal “que tipo de conselho eles querem de verdade: como estabelecer um relacionamento ou - só por precaução - como rompê-lo sem dor e com a consciência limpa?” (BAUMAN, 2004, p. 11) Neste quesito a tecnologia vem para auxiliar a fácil separação, pois oferece as teclas de deletar sem a obrigação de um olho no olho, por exemplo, as conexões se tornam mais rápidas e também mais simples para serem desvinculadas, tornando-as líquidas.

9 Ciro Marcondes Filho é conferencista, tradutor, professor universitário. Formou-se em Jornalismo e Ciências Sociais, doutorou-se na Alemanha e pós-doutorou-se na França. Dirige o Núcleo de Estudos Filossóficos da Comunicação e o Núcleo José Reis de Divulgação Científica, ambos ligados à Escola de Comunicações e Artes da USP.

10 Merleau-Ponty (1908 - 1961) filósofo e professor francês, suas duas obras políticas mais importantes são *Humanisme et terreur*, 1947 e *Aventures de la dialectique*, 1955.

ADAPTABILIDADE CORPORAL

A história da civilização imbrica um diálogo constante com a história do corpo. Cada civilização, cada sociedade conhece e reconhece o corpo determinando funções, atributos e restrições por meio da (contamin)ação das crenças (englobando ideologias, lutas, estilo de vida) no tempo-espaço, no auxílio para a contextualização da época.

Após-modernidade encontra-se no processo de entender o corpo que a caracteriza, tendo em vista o trabalho de tecer considerações a cerca de duas possibilidades: real e virtual. Considera-se que não existe um distanciamento entre esses mundos, eles coexistem sendo co-autores na elaboração do pensamento acerca do corpo pós-moderno. A tecnologia tem papel indiscutivelmente fundamental quando se corrobora a adaptabilidade corporal na atualidade, atuando na noção do físico mas também instabilizando o entendimento sobre o que delimita o humano, por meio de discursos e formas de legitimação visando o corpo como consumo e produto desta era (REZENDE, 2004).

Na consciência de que as tecnologias incorporadas não só modificam a estrutura corporal, mas também a forma de percepção do mundo, atuando no sentido epistemológico, elas representam um mar de possibilidades que permeiam o próprio questionamento do que é o ser humano. (GARCIA, 2014, p. 39)

A era da informação exige reprogramações. Nossos instintos biológicos nem sempre estão bem adaptados ao mundo moderno inundado de informações (SILVER, 2013). A tecnologia possibilitou a transformação de dados em informações e as informações em conhecimento, sendo essa uma importante forma de deter o poder. Poder este que ganha corporeidade, em uma sociedade onde as conexões passam a ser feitas em redes, viabilizando e ocasionando um corpo adaptável a essas mudanças, ou seja, um corpo que atravessa as diferentes fronteiras, hierarquias, estabelece e desconecta contatos, um corpo que também é informação e além de tudo um corpo que se torna imagem, torna-se essência (REZENDE, 2004) estando sempre disponível para outros relacionamentos de bolso.

Adentrar no campo da movência é compreender que sua abrangência, no ambiente tecnológico, tem possibilitado o corpo a transpor barreiras geográficas e culturais, questionando as fronteiras. Porém, se considerarmos movência em relação ao mover na espacialidade, podemos ver uma mudança significativa nos processos de deslocamento, desajustes corporais, percepção e atenção.

A tela do celular, por exemplo, cria um centro, um foco chamativo, que consiste na eliminação (ainda que temporária, e escala temporal aqui, é determinada pelo portador) do que está no entorno. A percepção torna-se fragilizada e incapaz de gerar potência, mapear e ressignificar. A cegueira atencional (MARK; ROCK, 1998) torna o deslocamento desatento um perigo constante.

Os malefícios físicos que vão além do desalinhamento corporal e da cervicalgia, começaram a receber nomenclaturas que se encaixem no contexto da sociedade conectada, é o caso da “*whatsappinite*”, termo veiculado em um artigo publicado pela revista britânica *The Lancet* em março de 2014. A autora, Inés Fernández Guerrero, médica atuante no Hospital Universitário Geral de Granada (Espanha), explica que a *whatsappinite* é uma inflamação nos tendões (tendinite) do pulso e/ou dos dedos, podendo ocasionar dores migratórias, atingindo mais parte do corpo (como braços, ombros e pescoço). O polegar é alvo recorrente de reclamação, pois a posição de gatilho utilizada por longos períodos de tempo, causa a inflamação no tendão responsável por dobrá-lo, impossibilitando voltar para a posição normal e causando dores.

O desenvolvimento das tecnologias de informação sobre nossos corpos altera nossa relação com a saúde, com o sofrimento, com a vida, com a morte e com nós mesmos. (...) O bem-estar do corpo torna-se um valor permanente. (REZENDE, 2004 p. 03)

Cupani coloca que esses danos se outorgam porque a “evolução da tecnologia não pode ser absolutamente controlada, o resultado da contestação tampouco pode ser previsto.” (2004, p. 511). É importante entretanto recordar que esse progresso também é um artefato cultural de onde se parte - com grande potencial - seu desenvolvimento, tendo

variação e ganhando forma conforme seu ambiente cultural. Por esse motivo, é inconcebível, atualmente, ignorar esse avanço tecnológico essencialmente no que diz respeito ao corpo. (GARCIA, 2014).

Por um outro lado há uma outra face da tecnologia e do avanço que não pode ser menosprezado, Garcia¹¹ (2014) aponta que esse diálogo entre máquina e ser humano estabelece inúmeras possibilidades, tanto em suas próprias relações, quanto com relação de um com o outro, entretanto, a fruição das experiências é sensibilizada em uma camada mais superficial, com um envolvimento que beira ao *fake*, como expõem DOMA¹² (2018) em sua exposição “Naturaleza Morta” em que demonstra que “La imagen de lo que somos - esa necesidad de competir por más *likes*, más vistas, más reconocimiento - se ha ubicado por encima de nuestras vivencias”¹³ (p.5).

Com conexões estabelecidas a meio de prazos de validade, é necessário apontar para as verdadeiras motivações que antecipam a conexão, pois, uma vez que o relacionar-se está fora de questão, a conexão torna-se o único caminho para suprir uma carência ligada diretamente com o fato da convivência e da relação serem características inerentes ao ser humano. Comentar, curtir, dar *match*, seguir, se inscrever, são ações enganosas enquanto estabelecer um vínculo humanizador, dado que a sociedade líquida, parece bifurcar as relações: de um lado, conexões superficiais que aderem a moda, alimentam o ego, viciam social e intelectualmente; do outro, relações e suas problematizações (que não podem ser resolvidas com o botão de deletar), que demandam esforço, empatia e diálogo para sua solução “pois inevitavelmente lida com problemas que emergem das relações e fricções entre sujeito e mundo” (TRIDAPALLI, 2008, p.23).

11 Rafael Deus Garcia é advogado criminalista. Doutorando e Mestre em Direito pela Universidade de Brasília na área de Processo Penal (2015). Professor Substituto na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Possui graduação em Direito pela Universidade de Brasília (2012).

12 Doma é um coletivo de artistas que se origina em 1998 em Buenos Aires - Argentina. Produzem suas obras com um olhar crítico da realidade, tendo o foco o lugar onde encontra-se uma contradição e um paradoxo, trabalhando com vários formatos e de forma interdisciplinar utilizando distintas tecnologias para realizar arte urbana, trabalho colaborativo, experimental e DIY (*do it yourself*). Atualmente está sobre a direção de Orilo Blandini y Julián Manzelli.

13 Tradução livre: A imagem do que somos - que necessita competir por mais *likes*, mais visitas, mais reconhecimento - foi colocada acima de nossas experiências.

Nossa questão é propor a possibilidade da modernidade líquida ter exigido uma adaptabilidade corporal que transformou um corpo em um corpo líquido. Propõem-se o verbo exigir como ação para a reação sobreviver. Com Bauman tendo o papel de respaldo para esse artigo, a palavra líquido (do latim *"liquīdus"*) com cerca de 10 significados, nos abre mais possibilidades para entender o que pode vir a ser esse corpo líquido:

Fisicamente, líquido é o estado da matéria caracterizado pelas forças de coesão intramoleculares. Entende-se coesão como sinônimo de conexão. O corpo da pós-modernidade, com a emergência de conectar-se para suprir uma necessidade biológica. É uma corporalização que aparente ter e criar barreiras e faixas de "não-ultrapasse", mas que grita por atenção, por socorro, para tentar não ser assassinado todos os dias por si próprio.

Líquido com fluência, que corre e escorre, que só ganha forma pelo seu recipiente. Corpo que escolhe viver em sua camada mais superficial.

Para a economia, líquido é o que "diz-se do peso de determinado item, excluindo-se o peso de seu recipiente ou embalagem". A essência do corpo líquido tem peso, em razão de carregar transformações e informações que ficam ocultas até serem consideradas "tendência" para serem ditas. Esse corpo tem forma para o virtual, vende otimismo, felicidade, satisfação e até mesmo gratidão, mas pode facilmente excluir as embalagens e rótulos que se auto-intitula para atingir a noção de pertencimento.

É o que sobra da diferença entre o lucro e a despesa. É o que permanece entre o mundo real e virtual, é o corpo que precisa fazer negociações diárias para compreender o que realmente quer e o que precisa que os outros corpos líquidos vejam.

O corpo líquido é aqui proposto como uma sobrevivência em uma alienação tecnológica já desmascarada. Não se consome mais apenas por deslumbre do novo, se consome porque corpos líquidos só conseguem posicionar-se em espaços onde sua forma seja pré-determinada e aceita socialmente.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

As reflexões aqui apresentadas permeiam vivências, observações em uma relação direta entre tecnologia, modernidade, espaços, tempo e sociedade, o corpo transita entre a dualidade das redes e dos laços humanos, move-se pelos avanços e pela liquidez, adaptando-se, mobilizando-se, coexistindo-se, resistindo-se, neutralizando-se, liquidando-se.

Em meio a exigência do corpo imagem, no qual é importante ter muitos seguidores em suas redes sociais, muitos *likes* em suas fotos, milhares de pessoas acompanhando seu cotidiano - mesmo não convivendo com nenhuma delas - afinal:

Nos ubicamos subjetivamente en el mundo como individuos que se piensan aislados de la humanidad de la que formamos parte. No sentimos insuficientes, debemos competir con los demás para demostrarnos buenos o merecedores de respeto, riqueza, amor y fama. Vemos a la sociedad, en este primer contacto con las nuevas tecnologías, como un adolescente que prueba por primera vez el alcohol o las drogas, sin encontrar sus límites y sin saber cómo manejarlas o explotar su verdadero potencial. (DOMA, 2018 p.5)¹⁴

Na ânsia de experimentar todos os avanços tecnológicos e não ficar para trás tecnologicamente segue-se o *looping* desenfreado de consumo, não há chance nem tempo para poder compreender, contemplar e aceitar todas essas mudanças, o tempo líquido não permite paradas ou pausas, exige que o ciclo continue, que as redes se concebem sem a criação de laços, que os relacionamentos de bolsos sigam com sua lógica, afinal a liquidez moderna exige uma adaptação rápida e sem profundidade.

O corpo segue nessa incessante adaptação, gritando por dentro enquanto mostra suas satisfações e conquistas cada vez mais exacerbadas a outros corpos que seguem e alimentam o mesmo fluxo, sem verdadeiras ligações, sem comunidades reais, pois é assim - desta forma - que o corpo busca formas de sobreviver em meio a sua própria liquidez e segue testando maneiras de atualizar-se para permanecer nas frágeis conexões tecnológicas.

14 Tradução livre: Nós nos colocamos subjetivamente no mundo como indivíduos que se consideram isolados da humanidade da qual fazemos parte. Não nos sentimos insuficientes, devemos competir com os outros para nos mostrarmos bons ou dignos de respeito, riqueza, amor e fama. Vemos a sociedade, nesse primeiro contato com novas tecnologias, como um adolescente que tenta pela primeira vez álcool ou drogas, sem encontrar seus limites e sem saber como lidar com eles ou explorar seu verdadeiro potencial.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 191 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 119 p.

CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.493-518, maio 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v2n4/a02v2n4.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2018.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 480 p.

DOMA, **Muestra Naturaleza Muerta**, Buenos Aires: Centro Cultural Recoleta, 2018. Libreta.

FILHO, Ciro Marcondes. **O princípio da razão durante**: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo: nova teoria da comunicação III. São Paulo: Paulus, 2010. 252 p.

GARCIA, Rafael Deus. O Corpo e a Tecnologia a partir de Merleau-Ponty. **Cognitio Estudos**: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo, v. 11, n. 01, p.34-44, jan./jun. 2014. Bimestral. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/16539/14883>>. Acesso em: 10 jun 2018.

MACK, A.; ROCK, I. **Inattentional blindness**. Cambridge: MIT Press, Bradford Book, 1998.

LÍQUIDO. Dicionário online priberam. Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/l%C3%ADquido>>. Acesso em 20 maio de 2018.

REZENDE, Renata. **A tecnologia e a invenção do corpo contemporâneo**. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, p.17, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/3306879647539502991583903817_3327706340.pdf>. Acesso em: 28 jun 2018.

SILVER, Nate. **O sinal e o ruído**: por que tantas previsões falham e outras não. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. 544 p.

THELANCET (2014, 22 de março). “WhatsAppitis”. **THELANCET**. Volume 383, nº 9922, p. 1040, 22. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(14\)60519-5/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)60519-5/fulltext)>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

TRIDAPALLI, Gladistoni dos Santos. **Aprender investigando**: a educação em dança é criação compartilhada. 96 f. 2008. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.